

A Jornada de Autodescoberta de Pam Beesly em *The Office*: O Figurino como Elemento de Extensão Narrativa¹

Karolaine Victoria Ferraz²

Vinícius Augusto Moreira de Paula³

Talison Pires Vardiero⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Resumo

O estudo analisa a personagem Pam Beesly, da série *The Office* (2005–2013), a partir do figurino como extensão narrativa. Por meio da Direção de Arte (Hamburger, 2014) e do Figurino (Viana, 2017), a pesquisa foca na transformação visual da personagem como reflexo de uma jornada de autodescoberta. A metodologia, sob as lentes do Paradigma Indiciário (Braga, 2008) e Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2018) envolve a análise dos episódios iniciais das nove temporadas, observando mudanças no vestuário. Como resultados, identificamos três fases: uma inicial de insegurança, marcada por figurinos apagados; uma transitória, com sinais de crescente autoconfiança; e uma final, que expressa visualmente autonomia e amadurecimento.

Palavras-chave

Pam Beesly; *The Office*; Figurino; Personagem; Direção de Arte.

1. Figurino em cena: corpo que transpassa espaço e tempo

Diante de uma sociedade que consome, cada vez mais, produções seriadas - seja na TV aberta, fechada ou nas plataformas de *streaming* -, este estudo busca compreender como a Direção de Arte se manifesta nas produções audiovisuais. Conforme definido por Hamburger (2014), trata-se de um ofício responsável pela concepção do ambiente plástico de uma narrativa, articulando características formais do espaço, dos objetos e, também, das figuras e personagens.

Ao considerar os elementos que compõem a cena - entre eles, as personagens e, consequentemente, a construção dos figurinos -, Hamburger (2014) destaca que, por meio de formatos, cores, tecidos e outras escolhas estéticas, é possível narrar, ainda que

¹ Trabalho apresentado na IJ04 – Audiovisual e Mídias Sonoras, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 7º Semestre, do Curso de Rádio, TV e Internet da Universidade Federal da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, e-mail: karolaine.ferraz@estudante.ufjf.br

³ Estudante de Graduação, 7º Semestre, do Curso de Rádio, TV e Internet da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, e-mail: viniciusmoreira.paula@estudante.ufjf.br

⁴ Doutor em Comunicação, professor da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora - Facom/UFJF. Vice-coordenador do curso de Rádio, Tv e Internet (RTVI) e integrante do grupo de pesquisa Narrativas Midiáticas e Dialogias - Namídia/ CNPq/UFJF . E-mail: talison.vardiero@ufjf.br.

de forma sutil, aspectos do perfil psicológico da *persona*, bem como parte de sua história, anterior àquela apresentada em cena.

Diante deste cenário, utilizamo-nos da série norte-americana *The Office*, para perceber como o figurino é um elemento importante na construção de uma personagem. Premiada com o Emmy de Melhor Série de Comédia (2006) e Melhor Roteiro (2007), trata-se de uma sitcom situada em um escritório de vendas de papel, que conta a história de diferentes funcionários da empresa. Ambientada na fictícia *Dunder Mifflin*, localizada em *Scranton*, Pensilvânia, a série adota o formato de falso documentário (*mockumentary*), o que permite uma aproximação mais direta com o público, ao romper a quarta parede e trazer confissões e comentários dos personagens diretamente para a câmera.

A narrativa gira em torno da rotina aparentemente banal do ambiente corporativo, mas é nesse cotidiano repetitivo que se revela um universo rico em relações interpessoais, dinâmicas de poder, humor constrangedor e críticas sutis (ou nem tão sutis) à cultura organizacional norte-americana. Através de personagens caricatos, porém complexos, como o gerente Michael Scott, a recepcionista Pam Beesly, o vendedor Jim Halpert e o ambicioso Dwight Schrute, a série constrói um retrato cômico e, ao mesmo tempo, realista dos bastidores do trabalho em escritórios.

Além disso, *The Office* se destaca pela maneira como desenvolve os personagens ao longo das temporadas, oferecendo não apenas momentos de humor, mas também arcos de crescimento pessoal, afetivo e profissional. Essa construção progressiva, aliada ao uso da *mise-en-scène*⁵, contribui para a percepção da série como uma obra que vai além da comédia convencional, sendo um retrato cultural das transformações sociais e das relações humanas no ambiente de trabalho contemporâneo.

Deste modo, ao partirmos de uma perspectiva, sob as lentes de Viana (2017) que percebe o traje de cena como um vestígio material e Hamburger (2014) que define o figurino como “a caracterização de um personagem sobre a figura de um ator (...) o corpo que transpassa o espaço e o tempo e que cada composição constrói novas sensações a partir de contrastes visuais criados entre os pares, os fundos e as formas” (Hamburger, 2014, p.47), este estudo propõe uma análise crítica, a partir de indícios,

⁵ De acordo com Bordwell e Thompson (2013), a *Mise-en-scène* é um termo de origem francesa que, no audiovisual, refere-se à organização de todos os elementos visuais presentes no enquadramento — como cenários, figurinos, iluminação, posicionamento dos atores e composição da cena — com o objetivo de construir sentido e atmosfera. Trata-se da forma como o espaço é encenado para transmitir emoções, ideias e narrativas por meio da imagem.

para perceber como o figurino constrói e apresenta a personagem Pam Beesly e a forma como a caracterização influencia no modo de agir naquele mundo apresentado pela série e representa uma jornada de autodescoberta da recepcionista.

Com base no Paradigma Indiciário de Braga (2008), que possibilita aos pesquisadores a leitura de indícios nem sempre evidentes na construção das personagens, e com o suporte da Análise da Materialidade Audiovisual proposta por Coutinho (2018) - que permite examinar uma obra audiovisual a partir de elementos como som, imagem, edição, paratextos e a organização de seus eixos narrativos -, este estudo investiga como o figurino atua como extensão da narrativa, contribuindo para a construção da identidade e da subjetividade da *persona*.

Parte-se da hipótese de que o figurino de Pam funciona como documento narrativo e expressivo de sua evolução pessoal. Ao longo das temporadas, observa-se um gradual uso de cores, maquiagem e peças mais despojadas, que sinalizam uma crescente autonomia e segurança. O estudo apoia-se em autores como Vera Hamburger (2014), Fausto Viana (2017), Matias Peruyera (2020) e Deborah Nadoolman Landis (2007), que reconhecem o figurino como componente fundamental da construção dramática e estética de personagens.

2. Um traje vale mais que mil palavras

A construção visual de uma personagem em uma obra audiovisual resulta da articulação entre diversos elementos técnicos e simbólicos. Como explica Hamburger (2014), às cores, os formatos e as texturas, sob a figura do ator, se apresentam em forma de figurino e maquiagem para ajudar na representação plástica direta do personagem “desenhando e marcando visualmente, sua presença diante do público” (Hamburger, 2014, p. 47). A pesquisadora ainda reflete:

Preferências, de modelagem, cor, materiais e acessórios da vestimenta sugerem aspectos psicológicos e emocionais de cada personagem e o posicionam dramaticamente no enredo, de maneira a indicar não apenas sua situação social, econômica e política, mas também as circunstâncias particulares ao momento em que vive. (Hamburger, 2014, p. 47)

Dessa forma, percebemos que o figurino, nesse contexto, ocupa papel central: ele não apenas compõe a imagem, mas atua como signo expressivo da identidade e trajetória dos personagens. Segundo Viana (2017), o traje de cena é um documento material que participa da construção do espetáculo e, posteriormente, torna-se

testemunho visual da representação. Para o autor, o figurino estabelece conexões com o corpo do intérprete, com os demais elementos cênicos e, principalmente, com o público. “Há uma expectativa do público de reconhecer as personagens principais e as situações em que estão envolvidas” (Viana, 2017, p. 139).

Em diálogo, Bordwell e Thompson (2013) afirmam que todos os elementos da *mise-en-scène* influenciam diretamente a forma como o espectador interpreta os personagens. O figurino, portanto, vai além da estética, ele comunica estados emocionais, fases narrativas e aspectos sociais.

Neste sentido, o pensamento de Hamburger (2014) converge com Bordwell e Thompson (2013), pois afirma que o traje auxilia o espectador a reconhecer a personagem, pois cria elementos que a marcam visualmente e permitem que seja facilmente reconhecida a cada aparição ou que demonstre as possíveis transformações, como será explicado no objeto de estudo desta investigação.

Sobre as transformações, Syd Field (2001), ao propor a divisão da narrativa clássica em três atos - apresentação, confrontação e resolução - sugere que mudanças internas dos personagens se traduzem também em mudanças visuais. No caso de Pam Beesly, a transição de uma recepcionista introspectiva para uma mulher confiante é representada por uma notável mudança em seu guarda-roupa, que troca os tons pastéis e trajes mais conservadores e contidos, por um vestuário com tecidos mais requintados e cores vibrantes, o que evidencia uma autodescoberta na trajetória da *persona*.

Perueyra (2020) explica que o figurino deve ser pensado desde a pré-produção, alinhando-se ao perfil do personagem, às intenções do roteiro e à continuidade dramática. Ele destaca, inclusive, sobre a importância como elo entre a verossimilhança e a expressividade visual. Já Landis (2007) reforça esse pensamento ao afirmar que roupas nunca são neutras no audiovisual: elas “contam histórias invisíveis”. Cada detalhe revela conflitos, desejos e a subjetividade do personagem. Algo que Hamburger (2014) também reflete:

Se por um lado, a indumentária apresenta grande diversidade formal, funcional e simbólica nas diferentes épocas e culturas, por outro, a vivência cotidiana das roupas e de seus acessórios conforma significados próprios a cada pessoa ou grupo (...). Cada tipo de peça de vestuário é lida, mesmo que inconscientemente, como um signo pertencente a códigos sociais ou até como fetiches pessoais - da roupa íntima à gola fechada até o pescoço, dos acessórios indígenas ao vestido de noite. (Hamburger, 2014, p. 47)

Por fim, Barnwell (2004) observa que o figurino integra o design de produção, sendo essencial na comunicação do tempo, espaço e transformações individuais, como o que acontece com Pam Beesly, ao longo das nove temporadas da série.

3. Metodologia

Diante do objeto de estudo deste trabalho, com foco na construção das vestimentas da personagem, Pam Beesly, aportamo-nos metodologicamente no Paradigma Indiciário (Braga, 2008), pois orienta a análise a partir de vestígios e indícios sutis presentes na *mise-en-scène*, especialmente no figurino, que revelam aspectos subjetivos do objeto de estudo desta pesquisa.

Como percurso metodológico, a Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2018), permite observar como os elementos formais da imagem - cor, textura, iluminação e composição - contribuem para a construção de sentido. A articulação dessas abordagens possibilita uma leitura aprofundada da transformação de Pam Beesly ao longo da série *The Office*, entendendo o figurino como signo narrativo e expressão visual de um processo de amadurecimento e autodescoberta.

Na prática, a metodologia adotada consistiu na análise do episódio inicial de cada uma das nove temporadas da série, com foco específico no figurino da personagem Pam Beesly. Essa escolha se justifica pela natureza introdutória desses episódios, que costumam estabelecer o tom visual e narrativo de cada fase da história. A observação atenta dos trajes utilizados por Pam ao longo desses momentos permitiu identificar padrões estéticos, simbólicos e emocionais que acompanham a evolução da personagem.

Os resultados obtidos foram organizados em três fases: (1) etapa inicial, marcada por um figurino conservador e apagado, que reforça a posição de Pam como uma mulher contida, submissa e sem protagonismo na própria vida; (2) etapa transitória, em que surgem mudanças sutis, como cores mais vivas, silhuetas mais definidas e elementos que indicam maior autoconfiança, revelando um processo interno de transformação; e, por fim, (3) a etapa final, em que o figurino assume uma estética mais madura, equilibrada e expressiva, acompanhando a consolidação de sua autonomia, autoestima e tomada de decisões.

Essa evolução visual, portanto, não apenas acompanha, mas potencializa a construção simbólica da personagem, funcionando como extensão de sua subjetividade e como ferramenta narrativa fundamental na comunicação de seu amadurecimento ao público.

4. Pam Beesly: A Jornada do figurino

A análise se baseia na observação do figurino de Pam Beesly nos episódios de estreia de cada temporada, com atenção à cor das roupas, uso de maquiagem, penteado e expressividade visual, relacionando essas escolhas ao momento narrativo da personagem.

4.1 Primeiras Temporadas (1ª e 2ª): Apagamento e Neutralidade

De acordo com Peruyera (2020), a narrativa precisa demonstrar ao espectador sobre o que se trata a história nos primeiros minutos, e isso se prova em *The Office*. Na primeira temporada, Pam é apresentada como uma recepcionista tímida, contida e emocionalmente reprimida, sua primeira fala acontece quase na metade do episódio, apesar de ter sido vista já nas primeiras cenas.

Uma observação relevante é que, nas primeiras temporadas, os momentos em que o público tem maior acesso aos pensamentos e sentimentos de Pam ocorrem principalmente durante as chamadas “entrevistas” - trechos que podem ser interpretados como representações mais subjetivas, próximas de sua interioridade e dos reais pensamentos da *persona*.

O figurino é composto por cores neutras, saias longas, cardigans, cabelo preso e maquiagem discreta. Essa escolha visual transmite passividade e conformismo, refletindo a insatisfação profissional e um noivado prolongado e estagnado com Roy. Conforme Viana (2017), o figurino ajuda o espectador a reconhecer rapidamente quem são as personagens e qual a sua função narrativa. Pam, nesse início, é marcada por um apagamento visual, coerente com seu estado emocional e posição social na empresa. Desse modo, observa-se que o traje é considerado contido, pois sugere apagamento simbólico, reserva emocional e conformismo. Essa estética reforça a estagnação vivida pela personagem, refletindo sua insatisfação profissional e afetiva.

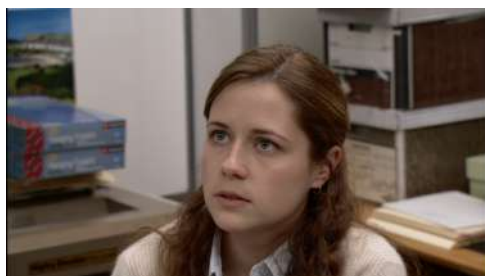


Figura 1: Pam Beesly na primeira temporada de *The Office*
Fonte: NBCUniversal, 2005.



Figura 2: Pam Beesly na segunda temporada de *The Office*
Fonte: NBCUniversal, 2006.

Na segunda temporada, mesmo com o aprofundamento do desconforto com seu noivado e a crescente aproximação afetiva com Jim, seu visual ainda não sofre mudanças expressivas, reforçando a continuidade de sua repressão e insegurança.

4.2 Temporadas de Transição (3ª a 5ª): Descobertas Afetivas e Criativas

A partir da terceira temporada, Pam inicia um processo de ruptura. Após o beijo com Jim, decide romper com Roy e retomar sua veia artística, matriculando-se em um curso de design. Seu figurino passa a refletir essas mudanças: roupas com cores mais vivas, cortes modernos, mais maquiagem e penteados variados.

Também é nesse período que Pam passa a se mostrar mais ativa, interagindo de forma mais direta com outros personagens, como Michael, seu chefe. Nesses momentos, observa-se sua capacidade de se impor, estabelecer limites e, inclusive, demonstrar certa empatia ao compreender aspectos do comportamento dele. Trata-se de uma fase em que a personagem conquista pequenos, mas significativos avanços, fundamentais para sua construção narrativa e emocional.

Segundo Perueyra (2020), o figurino comunica pontos de virada narrativos, funcionando como expressão visual das transformações internas. Essa fase coincide com o início de um relacionamento saudável com Jim e maior autoconfiança nas interações sociais.



Figura 3: Pam Beesly na terceira temporada de *The Office*
Fonte: NBCUniversal, 2007.



Figura 4: Pam Beesly na quarta temporada de *The Office*
Fonte: NBCUniversal, 2008.



Figura 5: Pam Beesly e Jim Halpert na quinta temporada de *The Office*
Fonte: NBCUniversal, 2009.

Na quarta temporada, com o namoro consolidado, Pam adota um visual mais leve, com cabelo solto e postura mais espontânea. Na quinta temporada, enquanto concilia o curso de design com o trabalho, seu estilo torna-se mais assertivo e pessoal, traduzindo sua evolução emocional.

4.3 Fases Finais (6ª a 9ª Temporada): Afirmação e Autenticidade

Nas temporadas finais, o figurino de Pam adquire um tom mais maduro e equilibrado, mesclando o estilo profissional ao artístico. Isso reflete uma mulher que encontrou segurança nas escolhas que fez, sendo elas as pessoais e profissionais.

Na sexta temporada, Pam deixa de ser recepcionista e assume o cargo de vendedora. Mesmo sem concluir o curso de design, demonstra satisfação e estabilidade, o que se traduz em roupas mais formais, porém com toques de suavidade. Ela está noiva, grávida e feliz.

A sétima temporada explora conflitos da vida conjugal com Jim, mas Pam os enfrenta com maturidade. Seu figurino permanece coerente, revelando segurança emocional. Na oitava temporada, grávida novamente, Pam aparece com roupas leves e fluidas, denotando tranquilidade e plenitude. Na última temporada, sua veia artística ressurge e, ao final da série, ela decide retomar sua carreira como ilustradora. Seu figurino se torna mais expressivo, reafirmando sua autenticidade e independência.



Figura 6: Pam Beesly na sexta temporada de *The Office*
Fonte: NBCUniversal, 2010.



Figura 7: Pam Beesly e Jim Halpert na sétima temporada *The Office*
Fonte: NBCUniversal, 2011.



Figura 8: Pam Beesly e Jim Halpert na oitava temporada de *The Office*
Fonte: NBCUniversal, 2012.



Figura 9: Pam Beesly na nona temporada de *The Office*
Fonte: NBCUniversal, 2013.

Como afirma Viana (2017), “o traje de cena é um elo visual forte entre palco e plateia” (Viana, 2017, p. 148). No caso de Pam, essa conexão se estabelece ao longo de nove temporadas por meio de uma narrativa estética coerente e sensível. Destaca-se ainda que a partir da sexta temporada não há mudanças bruscas de figurino, apenas transformações sobre as novas experiências vividas pela personagem, o que representa um espaço de autodescoberta.

5. Considerações finais

A partir da análise do figurino de Pam Beesly em *The Office*, confirma-se a hipótese que suas roupas funcionam como extensão narrativa de uma trajetória pessoal. As escolhas visuais acompanham de forma orgânica sua evolução emocional, profissional e afetiva, servindo como documento expressivo de sua jornada.

Essa leitura reforça o papel do figurino como elemento fundamental do design de produção e da construção de subjetividades no audiovisual. Ao olhar para o guarda-roupa de Pam, não se vê apenas uma personagem, mas uma história sendo contada através de cores, tecidos e detalhes.

Esse tipo de abordagem pode ser ampliado para outras personagens femininas da cultura pop, permitindo que se compreenda como o visual comunica, silencia ou transforma aspectos das representações sociais e de gênero. A análise de figurinos, portanto, é uma ferramenta poderosa para decifrar narrativas visuais e afetivas no campo da comunicação.

Referências

- BARNWELL, J. **Production design: architects of the screen**. London: Wallflower Press, 2004.
- BORDWELL, D; THOMPSON, K. **A arte do cinema: uma introdução**. 8. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- COUTINHO, I. Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual: da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade. In: EMERIM, C.; COUTINHO, I.; FINGER, C. (Org.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018. 7 v. (Coleção Jornalismo Audiovisual).
- FIELD, S. **Manual do roteiro: os fundamentos do roteiro de cinema**. Tradução: Maria Lúcia Homem. São Paulo: Objetiva, 2001.
- HAMBURGER, V. **Arte em cena: a direção de arte no cinema brasileiro**. São Paulo: Editora Senac - 2014.
- LANDIS, D. N. **Dressed: a century of Hollywood costume design**. New York: Harper Design, 2007.
- PERUEYRA, M. **Laboratório de artes visuais: audiovisual e animação**. [s.l.]: Universidade Federal do Paraná, 2020. (Material didático interno).
- VIANA, F. **O traje de cena como documento**. Revista Sala Preta, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 130-150, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v17i2p130-150>. Acesso em: 06 jun. 2025.